



Condições para uma análise do discurso humorístico

Rony Petterson Gomes do Vale

Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Avenida Purdue, s/n, 36570-900, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. E-mail: ronyvale@gmail.com

RESUMO. Este trabalho tem como objetivo discutir algumas problemáticas relacionadas à análise do discurso humorístico, como, por exemplo, a metodologia necessária, os critérios para seleção dos *corpora* e a natureza do objeto. Diante disso, buscamos delinear, a partir da relação entre discurso e riso, um quadro problematológico no qual confrontamos certas perspectivas da Análise do Discurso com teorias e trabalhos que se voltam para o estudo do riso, do cômico, do humor... E, assim, apontar caminhos que procurem ver o discurso humorístico numa perspectiva linguageira, colocando em foco o papel tanto do humorista quanto o do 'sujeito analista'.

Palavras-chave: análise do discurso, metodologia, humor, riso, tipos de discurso.

Conditions for a humorous discourse analysis

ABSTRACT. This paper has the purpose to discuss some issues related to humorous discourse analysis such as the methodology, the criteria of *corpora* selection and the object nature. For that, based on the relationship between discourse and laughter, we sought to outline a problematic framework and confronted certain perspectives of Discourse Analysis with theories and works about laughter, comic, and humor... and thus, present ways to see the humorous discourse in a 'language' perspective, highlighting the role of the comedian as well as of analyst subject.

Keywords: discourse analysis, methodology, humor, laughter, types of discourse.

Introdução

Antes de iniciarmos um estudo sobre qualquer tipo de discurso, acreditamos ser necessário, e de suma importância, atentar para algumas problemáticas relacionadas à metodologia, à seleção do *corpus* e à natureza do objeto. Assim, na busca de uma análise do Discurso Humorístico, vamos especificá-las, para, em seguida, discutir cada uma de modo mais detalhado:

- I. No âmbito das ciências que se ocupam do texto e do discurso, como lidar com a relação entre um discurso que toma por base aquilo que é passível de proporcionar o riso, e o riso propriamente dito, enquanto fenômeno cultural, filosófico, fisiológico, histórico, psicológico e social?
- II. Tendo esse mesmo discurso em foco, como proceder à seleção de textos para constituir *corpora* de análise, ou, melhor dizendo, que critérios adotar para considerar um texto passível de causar o riso?
- III. Qual a natureza de nosso objeto de pesquisa? Isto é, esse discurso, passível de fazer rir, pode – ou não – ser tomado com *status* (e, por

consequência, com estrutura) de tipo de discurso semelhante ao discurso político, literário, filosófico, publicitário, entre outros?

- IV. Como contornar as dificuldades para a análise desse discurso advindas dos problemas de definição dos termos ligados ao riso e ao risível como, por exemplo, humor, cômico, comicidade, satírico, irônico, ridículo etc.?

É evidente que esses quatro pontos não subsumem toda problemática ligada a esse discurso. Como se verá mais adiante, tais pontos levar-nos-ão a outras questões não menos importantes, mas que devem ser discutidas em momentos mais precisos (VALE, 2013). Logo, parece-nos sensato apresentar, neste artigo, tais problemáticas centrais de modo a situar o nosso leitor em relação àquilo que consideramos os pontos de partida de um percurso de análise sobre o Discurso Humorístico (DH).

O riso numa perspectiva linguageira

[...] o critério efetivo de todo estudo sobre o cômico é o riso (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 11).

Para além da comicidade e do cômico, somos tentados a dizer que o critério do riso 'assombra'

também os estudos sobre o humor, a ironia, a sátira, o ridículo, o risível ou sobre qualquer outro conceito e/ou gênero relacionado a um ato de linguagem que tem como pretensão a busca por um efeito ilocutório ou perlocutório ligado ao riso, ao sorriso, à hilaridade... Caso se assuma esse ponto como axioma, é aqui, podemos dizer, que se iniciam os problemas para as ciências que estudam o texto e o discurso numa perspectiva linguageira. Quanto a isso, Charaudeau nos alerta do risco de se adentrar numa problemática psicológica ao tratar o riso como garantia para os fatos humorísticos. De acordo com esse teórico, “[...] se o riso tem a necessidade de ser acionado por um fato humorístico, este último, por sua vez, não aciona necessariamente o riso”¹ (CHARAUDEAU, 2006, p. 20, tradução nossa). Em outras palavras, nem todo ato de comunicação humorístico tem a capacidade de fazer rir. Além disso, Charaudeau adverte que considerar o humor como um ato de enunciação para fazer rir nos faria interrogar sobre todo um mecanismo psicológico ligado a uma ‘atitude reativa’ variável (rir, sorrir, ou mesmo, nenhum desses). Daí as dificuldades de ‘percepção’ do que sejam os fatos humorísticos, pois eles tendem a variar de indivíduo para indivíduo.

É plausível levar em consideração as afirmações de Charaudeau quando esse autor aponta tal dificuldade; todavia, acreditamos que, para fins de análise, deve haver um modo de desenvolver essa percepção, no sentido de potencializá-la (no caso do ‘sujeito analista’), em relação ao que possa ser, ou não, considerado um ato de comunicação humorístico. Quem sabe uma problemática psicológica que se apoie não em atitudes reativas subjetivas e individuais, mas em representações coletivas, ou melhor, sociodiscursivas das ‘formas do riso’ possa apontar para uma solução do problema?

Tal hipótese se baseia no fato de que, caso se leve em conta o ‘senso comum’, uma pergunta do tipo “o que é humor?” ou “o que é cômico?” resultará, provavelmente, em uma resposta do tipo: “aquilo que faz rir!”. Muitas vezes porque, e esta é a opinião de Pirandello (1996, p. 22), “[...] o vulgo não pode entender os contrastes secretos, as finezas sutis do verdadeiro humorismo”, mas sim o ‘humorismo’ num “[...] sentido muito mais amplo, no qual estejam compreendidas a burla, a troça, a facécia, em suma, todo cômico em suas várias expressões” (PIRANDELLO, 1996, p. 38). Ou seja, “[...] para o povo, humorismo e graça, comico, sátira são sinonimos [sic] perfeitos” (MENNUCCI, 1923, p. 165).

Também as definições filosóficas, como alega Eco (1989), não escapam à imprecisão da experiência em relação às nuances entre o cômico, o humorismo ou o ironismo, pois

Não se sabe muito bem se se trata de experiências diferentes ou de uma série de variações de uma única experiência fundamental. Começa-se achando que esta experiência tenha pelo menos um equivalente fisiológico, que é o riso, para depois perceber que existem inúmeros exemplos de cômico que não é acompanhado pelo riso (ECO, 1989, p. 250).

Embora o riso possa passar, em uma dada definição qualquer, de uma condição suficiente a uma condição necessária, é importante notar, mesmo em Eco (1989), o inegável papel do riso ou de um fazer rir na intuição sobre o que sejam esses atos de linguagem relacionados ao cômico, ao humor e ao risível.

Decerto, em relação ao riso, sabemos de sua natureza contingente, de sua universalidade e, ao mesmo tempo, da infinidade de formas de manifestação que podem suscitar-lo, variáveis tanto no tempo e no espaço quanto nas mais diferentes sociedades e culturas. De fato,

[...] pode-se dar a causa do riso, porém é possível existirem pessoas que não riem e que é impossível fazer rir. A dificuldade está no fato de que o nexo entre o objeto cômico e a pessoa não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri (PROPP, 1992, p. 31).

Assim, ao se perceber tantas variáveis, a tendência é fazer do riso *persona non grata* nos estudos discursivos. Entretanto, acreditamos que desconsiderar o seu lugar na problemática desse discurso ligado ao risível seria o mesmo que fechar os olhos a 2300 anos de estudos sobre o tema.

Critério do riso versus critério da forma

Apontada essa primeira dificuldade na relação discurso-riso, nosso estudo exige, agora, que ultrapassemos mais uma barreira: quais critérios adotar para a seleção de textos que podem compor um *corpus* para a análise desse discurso? De que modo lidar com a representatividade do *corpus* (exaustiva, quase exaustiva, crítica, de seleção de exemplos) e com a adequação à veracidade dos dados? E, além disso, como pensar o papel do sujeito pesquisador-analista em relação à construção do *corpus*? Não temos a pretensão de responder a todas essas questões, mas discuti-las atentamente com outros pensadores e, dessa maneira, verificar quais caminhos podemos trilhar em nossas análises.

Começamos com algumas considerações de Trask (2004) sobre a constituição de *corpora* em

¹ No original: “Si le rire a besoin d’être déclenché par un fait humoristique, celui-ci ne déclenche pas nécessairement le rire”.

Linguística. Para esse autor, enquanto conjunto de textos disponíveis para análise, o *corpus* garante grandes vantagens ao analista:

- Evita que este consulte sua intuição sobre os fatos da linguagem, uma vez que os dados (escritos ou falados) foram produzidos espontaneamente por falantes reais;
- Assegura “[...] informações altamente confiáveis e isentas de opiniões e de julgamentos prévios sobre os fatos de uma língua” (TRASK, 2004, p. 68).

À luz desses pontos, devemos nos questionar no que consiste essa intuição e essa isenção de julgamentos de que fala Trask. Quanto aos *corpora* serem isentos de juízo de valor, isso somente é possível se os dados, como relata o próprio Trask (2004), forem coletados sem ser penosamente extraídos dos falantes (o que poderia levar à manipulação dos dados), e os mesmos dados estarem abertamente à disposição para consulta e pesquisa. Há que se pensar, porém, que, no momento da seleção e do recorte desses *corpora* em um *corpus* específico, o papel do sujeito pesquisador-analista surge: é ele, com seus objetivos e sua metodologia de pesquisa, que projeta sobre esses fatos, a princípio neutros, o seu ponto de vista. Disso resulta, como ensinam Greimas e Courtés (2008), um desmascaramento dos pressupostos de cientificidade (exaustão, adequação e objetividade), e ao sujeito pesquisador-analista deve ser necessariamente atribuída parte da importância na construção do objeto.

Isso posto, podemos agora refletir sobre a ‘intuição’. Seguindo ainda o pensamento de Trask (2004), diremos que a intuição da qual ele trata é a ‘competência linguística’ que permite ao pesquisador-analista julgar o que é, por exemplo, gramatical ou agramatical numa dada construção, numa determinada língua. Ao afastar esse tipo de intuição por meio do uso de *corpora*, Trask parece querer evitar a possibilidade de o pesquisador se envolver na análise – o que é possível e aceitável na proposta gerativista. Em nossa proposta, acreditamos ser importante o uso dessa intuição, não somente na análise propriamente dita, mas, sobretudo, no momento da seleção do *corpus*, ou seja, um *corpus* “[...] constituído de maneira mais ou menos intuitiva” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 105). Entretanto, isso exige que nos baseemos numa competência mais abrangente do que a competência linguística. Propomos, pois, uma seleção e uma análise que tenha por base uma ‘competência discursiva’.

Sem entrar em muitos detalhes, diremos somente que o conceito de ‘competência discursiva’, de certo modo, subsume o de ‘competência linguageira’, que diz respeito ao reconhecimento das representações linguageiras das práticas sociais

(CHARAUDEAU, 2008) e que pode ser dividida em competências “[...] situacional, discursiva e semiolinguística” (MAINGUENEAU, 2006, p. 102), e também o conceito de ‘competência interdiscursiva’, que se relaciona ao conjunto de parâmetros de identificação do discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 55), passível de se diversificar de acordo com a função dos tipos de discurso. Levando essa ‘competência discursiva’ em consideração, podemos desenvolver nosso ponto de vista e, por conseguinte, melhor direcionar o nosso olhar para a construção do *corpus*, uma vez que,

Em Análise do Discurso, [...], como em outras ciências sociais, geralmente é o *corpus* que de fato define o objeto de pesquisa, pois ele não lhe preexiste. Mais precisamente, é o ponto de vista que constrói um *corpus*, que não é um conjunto pronto para ser transcrito.

Os discursos são abordados a partir de uma problemática que os constitui em um conjunto homogêneo, do qual são, ao mesmo tempo, os próprios dados. Porém, as conclusões sobre as características desse conjunto só poderão ser interpretadas (e, portanto não será possível extrair os dados pertinentes do *corpus* através de conceitos descritivos) caso se formule *a priori*, explicitamente, condições sobre a natureza dos dados pertinentes... (BEACCO, 2006, p. 138-139).

Com base nessas considerações, faz-se necessário circunscrever o nosso ponto de vista em relação aos que antes de nós se propuseram a refletir e analisar discursos relacionados ao riso, para que, logo depois, possamos determinar quais textos podem, ou não, constituir o *corpus* para nossa análise. Desse modo, para termos uma ideia dessa questão, discutimos, aqui, dois critérios que, devido à sua generalidade, parecem dividir as opiniões dos estudiosos do riso e do risível, a saber: o ‘critério da forma e o critério do riso’.

Começemos por Freud. Na sua busca pela natureza específica dos chistes, Freud (1996, p. 17-26) procura desvencilhá-los da comicidade, pois, como adverte o autor, esta última sempre se mostrou mais atraente para os pensadores e escritores que se debruçaram antes dele sobre o tema. Contudo, Freud admite que, lendo esses trabalhos, dificilmente se enxergará os chistes fora de sua ligação com o cômico.

Desse modo, Freud, após passar em revista as características² dos chistes apontadas pelas

² De acordo com Freud (1996, p. 22), essas características são: “[...] a atividade, a relação com o conteúdo dos nossos pensamentos, as ideias contrastantes, o ‘sentido no nonsense’, a sucessão de desconcerto e esclarecimento, a revelação do que estava escondido, e a peculiaridade da brevidade”.

autoridades, antecipa que o efeito cômico dos chistes está ligado à forma linguística e à brevidade textual que, juntas, constituem a estrutura dos chistes. Todavia, com seu espírito científico, o teórico austríaco, desejoso de demonstrar que a união da forma e da brevidade é o cerne dos chistes, propõe que, para um dito se tornar um chiste, ou “[...] o pensamento expresso na sentença possui em si mesmo o caráter de chiste [...]”, ou “[...] o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença” (FREUD, 1996, p. 25). Daí, após submeter um comentário considerado chistoso à paráfrase, Freud (1996, p. 25) chega à conclusão de que “[...] um pensamento pode, em geral, ser expresso por várias formas linguísticas – ou seja, por várias palavras – que podem representá-lo com igual aptidão”. Isto é, a forma, parafraseada ou mesmo traduzida, muda, mas o sentido permanece; entretanto, perde-se o efeito cômico. Logo, o caráter do chiste – aquilo que, segundo Freud (1996), “[...] faz-nos rir a bom rir” – não está no pensamento, mas na forma verbal, ou melhor, “[...] não pode haver dúvida que é precisamente dessa estrutura verbal que dependem o caráter do chiste como chiste e o seu poder de causar o riso” (FREUD, 1996, p. 26-27).

Como podemos ver, para Freud (1996), a forma verbal se estabelece como critério fulcral em seu trabalho com os chistes e, por consequência, para a seleção do *corpus* de sua pesquisa. No entanto, o mesmo Freud não deixa de levar em consideração o riso, ainda que, secundariamente, sob o aspecto de efeito cômico. Nas suas palavras,

[...] é, pois, natural que escolhamos como assunto de nossa investigação exemplos de chistes que nos tenham impressionado mais no curso de nossas vidas e que nos tenham feito rir mais intensamente (FREUD, 1996, p. 23).

Divergindo ligeiramente dessa ideia da primazia da forma linguística, Charaudeau (2006), em sua proposta para a análise dos atos de comunicação humorísticos, demonstra que estes, enquanto atos languageiros, são constituídos por ‘procedimentos linguísticos’ e ‘procedimentos discursivos’, e que não se deve dar exclusividade para os primeiros. Isso se deve ao fato de que os ‘procedimentos linguísticos’ “[...] constituem um mecanismo léxico-sintático-semântico que concerne ao explícito dos signos, sua forma, seu sentido, assim como a relação forma-sentido”³ (CHARAUDEAU, 2006, p. 25-26, tradução nossa). Com efeito, eles podem agir tanto sobre o significante (como nos trocadilhos) quanto

sobre a relação significado-significante (por exemplo, nas palavras homônimas ou polissêmicas que permitem mudanças de ‘isotopia’).

Por outro lado, ainda de acordo com Charaudeau (2006, p. 25-26, tradução nossa), os ‘procedimentos discursivos’ dependem do mecanismo da enunciação, isto é, “[...] da posição do sujeito falante e de seu interlocutor; do alvo visado, do contexto de emprego e do valor social do domínio temático concernido”⁴. Devido a isso, os ‘procedimentos linguísticos’ não podem ser, por si mesmos, os portadores do valor humorístico, uma vez que tais procedimentos podem estar presentes em diferentes gêneros discursivos, inclusive, os mais ‘sérios’ como a poesia.

Pelo exposto até aqui, depreendemos que o ‘critério da forma’ nos faria percorrer uma gama de gêneros discursivos e textuais que trariam as marcas linguísticas, mas que não necessariamente carregariam, em si, os efeitos ligados ao riso e ao risível, resultando disso, muitas vezes, análises de textos que dificilmente considerariamos humorísticos ou cômicos. Diante disso, cabe, a nós, verificar, agora, se o ‘critério do riso’ é capaz de proporcionar maiores vantagens para a seleção de *corpus*.

Em *O Riso*, Bergson (2007, p. 150) afirma que seu intento foi buscar, na comédia, na farsa, na arte circense... os “[...] procedimentos para fabricação da comicidade [...]”, ou seja, procurar aquilo que é passível de causar o riso. Com efeito, a nós, é de extrema importância nos perguntar: de que ideia ou pressuposto partiu Bergson para analisar tais lugares, ou melhor, o que o levou a tais gêneros? Qual foi o seu programa, objetivando a comicidade? Deixemos o próprio filósofo nos dizer:

Não desprezaremos nada do que virmos. Talvez, aliás, com esse contato assíduo ganhemos alguma coisa mais flexível que uma definição teórica: um conhecimento prático e íntimo, como o que nasce de longa camaradagem (BERGSON, 2007, p. 2).

Do excerto citado, percebe-se que: a) diferentemente de Freud, Bergson insinua não tomar nenhuma definição dada anteriormente a respeito da comicidade pelas autoridades; b) tal comicidade será estudada, partindo-se de ‘um conhecimento prático e íntimo’, logo, ele se permite usar da sua intuição do que seja comicidade; c) se nada deve ser desprezado, tanto a vida quanto a arte poderão se constituir como lugares para sua observação. Com efeito, para Bergson, uma

³ No original: “Les procédés linguistiques relèvent d’un mécanisme lexico-syntaxico-sémantique qui concerne l’explicite des signes, leur forme et leur sens, ainsi que les rapports forme-sens”.

⁴ No original: “Les procédés discursifs, eux, dépendent de l’ensemble du mécanisme d’énonciation [...], et donc de la position du sujet parlant et de son interlocuteur, de la cible visée, du contexte d’emploi et de la valeur sociale du domaine thématique concerné”.

paisagem, um objeto, um animal (diferente do homem) só é passível de fazer rir se contiver a marca que o homem lhe imprimiu, ou o uso que o homem fez/faz dele, ou ainda a semelhança (passível de ser percebida) desse objeto com o homem. Ou seja, “[...] não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (BERGSON, 2007, p. 2).

Podemos depreender do exposto que esse ponto proporciona a Bergson buscar encontrar a comicidade em ‘n’ lugares: da fisionomia, dos gestos, dos movimentos às situações, às ações e, também, à linguagem, pois todas estão relacionadas ao homem e carregam, em maior ou menor medida, a sua marca. Assim, embora estejam ligadas ao ‘critério do riso’, podemos dizer que, para a análise a que nos propomos, essas considerações vão muito além do discurso ou da linguagem, ou, melhor dizendo, se apresentam amplas demais, criando dificuldades para que tal critério seja empregado numa seleção de textos. Logo, devemos procurar outras propostas que contribuam para delinear melhor esse critério em relação ao discurso.

Podemos dizer que *Comicidade e riso* apresenta-se como um divisor de águas nos estudos sobre estética do riso e do risível. Nela, Propp (1992) propõe adotar um método diferente para a análise do cômico: o método indutivo. A alegação para isso é, segundo Propp (1992, p. 15-16), que humoristas, escritores, homens de teatro e de circo, entre outros, sempre “[...] saíram-se muito bem sem qualquer teoria” que embasasse suas obras cômicas, humorísticas ou satíricas. Entretanto, o mesmo Propp afirma que, tratando-se de um mundo científico como o nosso, é imprescindível uma teoria e, por conseguinte, um método. Convicto de que somente de fatos se podem extrair verdades, Propp (1992, p. 16) assume, então, que partirá “[...] de um cuidadoso estudo comparativo e de uma análise dos fatos para chegar a conclusões apoiadas nos próprios fatos”. Nesse ínterim, o teórico russo nos diz como procederá à coleta do material:

Antes de tudo, foi necessário, sem desprezar nada, sem realizar qualquer seleção, reunir e sistematizar o material. Foi necessário levar em conta ‘tudo aquilo que provoca o riso ou o sorriso’, tudo o que, ainda que remotamente, se relaciona ao domínio da comicidade (PROPP, 1992, p. 16, grifos nossos).

Apesar de alegar que nenhuma seleção prévia foi feita, fica bem claro que o próprio Propp (1992) adota o ‘critério do riso’ como critério para a seleção de *corpus*, o que pode ser percebido pela indicação dos objetos de sua perscrutação: uma literatura marcadamente cômica, as formas de humor presentes no folclore, as revistas humorísticas e

satíricas, o circo, o teatro (a comédia) *et coetera*. Mais do que isso, Propp (1992) se mostra ciente das dificuldades em analisar a comicidade a partir desse critério e propõe, de modo a manter o rigor metodológico, as seguintes diretrizes ou postulados:

[...] diante de qualquer fato ou caso que suscite o riso, o pesquisador deve, a cada vez, colocar-se a questão do caráter específico ou não específico do fenômeno em exame, e de suas causas;

[...] ‘em cada caso isolado’ é preciso estabelecer a especificidade do cômico, é preciso verificar em que grau e em que condições um mesmo fenômeno possui, sempre ou não, os traços de comicidades (PROPP, 1992, p. 19-20, grifo do autor).

Essas diretrizes resultam da crítica que Propp (1992, p. 16) faz às análises da comicidade realizadas até então e das definições de cômico que, segundo o autor, são amplas demais, “[...] abarcando também fenômenos que muitas vezes nada têm a ver com o cômico”.

Pelo exposto até aqui, é possível perceber que Propp não somente diz, mas demonstra possuir um conhecimento tanto da matéria analisada, como também das diversas teorias sobre o riso e a comicidade. Segue que sua intuição e sua ‘competência discursiva’ (i) levaram-no à escolha do método indutivo, devido às falhas percebidas nas teorias sobre o cômico e (ii) influenciaram-no diretamente tanto na seleção quanto na análise dos fatos. Todavia, para nossa proposta de análise, o ‘critério do riso’, assim definido, ainda não se apresenta devidamente delimitado. Dizer simplesmente que estudaremos “[...] tudo aquilo que provoca o riso ou o sorriso” (PROPP, 1992, p. 15) de modo algum nos dá garantias de uma seleção relativamente segura. Com efeito, ainda sentimos necessidade de aprofundar um pouco mais a respeito desse critério, de modo a torná-lo operacional na Análise do Discurso.

Seguindo uma tendência de estudos discursivos levantada pela *Nova Retórica*, Olbrechts-Tyteca se propõe a analisar, em *Le comique du discours* de 1974, especificamente o *cômico da retórica*. Esse tipo de cômico diz respeito ao modo como os argumentos, as condições e os esquemas argumentativos podem ser interpretados como potencialmente desencadeadores do cômico. Com isso em mente, a autora – embora mantenha um diálogo com as mais diversas teorias do riso e do risível – toma especificamente como fundamentação metodológica as ferramentas de análise presentes no *Tratado da argumentação* de 1958.

Como já colocamos, Olbrechts-Tyteca (1974) assevera que é o riso o critério para os estudos do cômico; contudo, a própria autora não deixa de levar

em consideração as dificuldades de aplicação desse critério, pois:

i) o riso excede largamente o cômico; ii) o riso nem sempre tem a mesma significação; iii) o riso não é de modo algum proporcional à intensidade do cômico; iv) o cômico suscita tanto o riso quanto o sorriso; v) não podemos dentro de muitos casos observar diretamente nem o riso nem o sorriso. Se pudéssemos, isso seria de pouco avanço, pois necessitaríamos ainda de interpretá-los: são eles voluntários ou são involuntários, isto é, são eles mais ou menos fingidos? (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 11-23).

Em razão disso, Olbrechts-Tyteca (1974, p. 13, tradução nossa) propõe reduzir o problema à seguinte presunção: “[...] desde que as histórias cômicas são dadas como tal, presumimos que elas fazem rir”⁵. Sobre esse ponto, entretanto, é preciso dizer que a autora coloca uma ressalva: uma vez que não se sabe muito sobre a extensão do grupo de *rieurs* que asseguram a comicidade dessas histórias, retomar-se-á, do mesmo modo como fizeram outros autores/estudiosos do riso e da comicidade predecessores, o exame dos mesmos exemplos analisados nesses estudos, ou seja, a “[...] tradição, nesse domínio, é um tipo de caução mútua” (OLBRECHTS-TYTECA, 1974, p. 13, tradução nossa)⁶. A nós, tal presunção se nos mostra problemática, pois não fica claro se ela é somente parte da intuição do analista, ou se ela se constitui com base numa revisão das teorias, ou ainda se ela se baseia nas ‘formas do riso’. Todavia, basear-se na presunção do que fez/fez rir, como procede Olbrechts-Tyteca, tem o mérito de mostrar um caminho que, a nosso ver, parece conciliar ‘critério da forma e critério do riso’.

Com base nessas ideias, vamos agora expor nosso ponto de vista sobre a relação entre a ‘intuição’ e a ‘presunção’ em relação aos fatos humorísticos e, ao mesmo tempo, tentar demonstrar como isso pode contribuir para uma seleção do *corpus*. Primeiramente, podemos afirmar que o ‘critério da forma’ tem a vantagem de nos mostrar o que, na superfície dos textos, tem o potencial de desencadear o riso, ou seja, as técnicas ou os gatilhos do risível; porém, esse critério não garante que o gênero carregue necessariamente o fator cômico ou humorístico, uma vez que essas técnicas ou procedimentos linguísticos (em sentido estrito: ironia, paródia, metáforas, conectores e desencadeadores de isotopia, entre outros) estão presentes em diversos outros gêneros não

necessariamente ligados ao cômico ou ao humor (poesia, romance, fábula etc.).

Em segundo lugar, o ‘critério do riso’ está ligado diretamente aos problemas da sua contingência, ou seja, não temos como garantir, baseando-nos somente em ‘tudo aquilo que provoca o riso ou o sorriso’, ou melhor, naquilo que me fez/faz rir, que um dado texto ‘x’ é cômico, humorístico, risível, engraçado etc. Todavia, devemos considerar que essa intuição é um fato presente na competência discursiva não somente dos falantes em geral, mas também do analista e do linguista. Em vista disso, estamos certos de que, mesmo os estudiosos que assumiram o ‘critério do riso’ em suas análises, possuíam, além dessa intuição sobre o risível, uma presunção advinda das próprias pesquisas sobre o riso, o risível, a comicidade, o humor, as ‘formas do riso’ etc., o que lhes possibilitou, muitas vezes, fazer leituras humorísticas de textos que não necessariamente são considerados como humorísticos. Com efeito, suas competências discursivas se apresentam aparentemente muito mais aptas para dizer quais características um texto deve possuir para que ele seja considerado risível ou não. Logo, ao buscar por essas teorias e reflexões, assumimos, juntamente com Maingueneau (2008), para os estudos discursivos em geral e para o estudo do discurso que focalizamos, a seguinte postura:

[...] no caso de uma análise do discurso estreitamente ligada à história das idéias, em geral não é no que diz respeito ao enriquecimento da massa de informações, já gigantesca, que a necessidade mais se faz sentir, e sim no que se refere a hipóteses capazes de torná-la operacional. Ao invés de continuar a acumular fragmentos de saber errático, é melhor esforçar-nos para validar ou refutar proposições sobre os funcionamentos discursivos (MAINGUENEAU, 2008, p. 24).

Em outras palavras, devemos adotar uma postura: a) que absorve filosofemas da história das ideias, mas não faz deles dogmas; b) que alia intuição e critérios externos de modo a passar de uma intuição simplista a uma presunção; e, por fim, c) que, ao mesmo tempo, se embasa nas autoridades, mas critica os mesmos filosofemas, procurando, desse modo, desvendar as propriedades dos discursos e os efeitos de sentidos possíveis dos enunciados e dos textos.

Para além dos atos de comunicação humorísticos

Embora venhamos, até aqui, nos referindo a um discurso passível de causar o riso, ainda não

⁵ No original: “[...] lorsque des histoires comiques sont données pour telles, nous présumons qu’elles font rire”.

⁶ No original: “La tradition, en ce domaine, est une sorte de caution mutuelle”.

dissemos quase nada sobre os problemas relacionados à sua natureza tipológica e genérica. Tal problematização se justifica para mostrar que, devido à infinidade das formas que o riso pode assumir e à sua ligação com estratégias como a ‘imitação’ (principalmente, a paródia e o pastiche), esse discurso apresenta uma grande instabilidade estrutural, o que não possibilitou ainda uma análise e classificação sistemáticas, como assegura Bakhtin (2010c, p. 343). Em vista disso, apresentamos alguns pontos de vista sobre essa questão, mostrando que há também sobre esse ponto uma espécie de dissensão entre os estudiosos.

Como sabemos, para a Semiologia, umas das noções centrais para a análise de qualquer discurso é a descrição dos contratos de comunicação, pois, desse modo, verificar-se-ão tanto o espaço de coerções quanto o de estratégias com os quais os sujeitos podem jogar para se comunicar. Com isso em mente, Charaudeau (2006) nos adverte que, devido à sua capacidade de atravessar diferentes situações de comunicação com variáveis contratos de comunicação (político, publicitário, midiático etc.), os fatos humorísticos sozinhos não constituem a totalidade da situação de comunicação. Segue que, para esse autor, o humor, ou melhor, os atos de comunicação humorísticos (doravante, ACHs) são antes de tudo “[...] maneiras de dizer no interior de diversas situações, um ato de enunciação com fins estratégicos para fazer de seu interlocutor um cúmplice”⁷ (CHARAUDEAU, 2006, p. 21-22, tradução nossa), ou seja, o humor não é um gênero, mas uma entre várias estratégias disponíveis ao sujeito falante para seduzir seu auditório. A princípio, isso acarreta dizer que não haveria nenhum tipo de discurso humorístico, muito menos gêneros tipicamente humorísticos. Isso porque, como propõe o próprio Charaudeau (2006), o que conhecemos como ironia, sátira, paródia e como histórias engraçadas não passariam de categorias ligadas ao jogo enunciativo presentes nos ACHs, isto é, estratégias discursivas passíveis de ocorrer em ‘n’ situações de comunicação.

As consequências desse ponto de vista podem ser percebidas quando se segue essa linha de raciocínio. Chabrol (2006), por exemplo, vai argumentar que:

É necessário observar que é raro comunicar de modo humorístico, seguindo uma forma homogênea e contínua. Salvo exceções, uma conversação que se baseasse somente na troca de *plaisanteries* ou de zombarias é bem pouco frequente fora dos teatros

ou dos cabarés (CHABROL, 2006, p. 7, tradução nossa)⁸.

A nosso ver, posturas como essas podem levar a generalizações que impeçam a tomada de consciência sobre um tipo de discurso que é passível de causar o riso. Se isso ocorre, não há como verificar se esse tipo de discurso – digamos, ‘humorístico’ – engendra os próprios gêneros, a exemplo do que acontece com o discurso político com seus debates, cartazes, ‘santinhos’ etc. Logo, o maior risco é abolir a existência de gêneros tipicamente ligados ao riso, como a comédia, o *stand-up* e os muito frequentes no discurso do cotidiano: piadas e chistes. Nesse sentido, Charaudeau (2006), prevendo a complexidade da questão, admite que:

[...] ele [o humor] pode se constituir em gênero desde que se anuncie e se dê a consumir por tal: dentro das coletâneas de histórias engraçadas, dentro dos sketches humorísticos interpretados em cena, dentro de algumas emissões de rádio ou de televisão ditas de divertimento, mas também no teatro ou no cinema desde que se trate do que é chamado ‘Comédia’ (CHARAUDEAU, 2006, p. 40, tradução nossa, grifo no original)⁹.

Não descartamos a ideia de que o humor possa ser considerado como estratégia discursiva que atravessa outros discursos e gêneros. Nossa intenção é mostrar que, embora os autores não considerem a totalidade de um discurso humorístico, a existência de gêneros ditos cômicos (as comédias, os mimos) ou humorísticos (as bufonarias, as latrinálias) ou satíricos (os epigramas, as sátiras), desde a Antiguidade, aponta para um tipo de discurso, especialmente ligado ao riso, que proporciona uma leitura, uma interpretação e certos efeitos de sentido tipicamente ligados ao ‘fazer rir’.

Assim, é importante ressaltar que esse discurso baseado numa visada de ‘fazer-rir’, por sua capacidade de imitar (tanto para subversão quanto para captação) e de atravessar outros discursos, deve apresentar uma estrutura *sui generis* que proporcione tanto a elaboração de ‘gêneros primários’ (teoricamente, mais rápidos, menos ideologicamente marcados, mais simples na forma) quanto de ‘gêneros secundários’ (BAKHTIN, 2010b). Tal estrutura deve não somente permitir o desempenho dessas funções acima relatadas, mas também garantir

⁷ No original: “Il est plutôt une certaine manière de dire à l’intérieur de ces diverses situations, un acte d’énonciation à des fins de stratégie pour faire de son interlocuteur un complice”.

⁸ No original: “Il faut encore remarquer qu’il est rare de communiquer de façon ‘humoristique’, selon une forme homogène et continue. Sauf exception, une conversation qui ne reposerait que sur l’échange de plaisanteries ou de moqueries est bien peu fréquente en dehors de la scène théâtrale ou du cabaret”.

⁹ No original: “il peut s’ériger en genre lorsqu’il s’annonce et se donne à consommer pour tel: dans le recueil d’histoires drôles, dans les sketches humoristiques joués sur scène, dans certaines émissions de radio ou de télévision dites de divertissement, mais aussi au théâtre ou au cinéma lorsque l’on a affaire à ce qui s’intitule ‘Comédie’”.

que gêneros possam ser tomados como tipicamente humorísticos, uma vez que tais gêneros desempenhavam – e ainda desempenham – importantes funções nas relações entre os homens, como, por exemplo, amenizar situações e discursos ‘sérios’. Esse tipo de raciocínio nos leva a examinar a possibilidade de se pensar o humor enquanto ‘campo discursivo’.

Possenti (2010, p. 174-176) levanta a ideia de se caracterizar o humor como um campo em analogia com o campo literário, uma vez que sobre este último parece não haver dúvidas quanto a seu *status* de campo discursivo. Vejamos os principais pontos dessa proposta:

- Semelhantemente ao que ocorre no campo literário, “[...] os autores (humoristas) não se formam como se forma um biólogo ou um médico: escritores e humoristas podem surgir em qualquer espaço, ter profissões ou atividades, que podem ser mais ou menos próximas do ‘papel’ de humoristas” (POSSENTI, 2010, p. 174-175, grifo do autor);
- De modo semelhante à literatura, o humor trata de quaisquer temas e assuntos. E, além disso, ligada a essa característica comum, ambos lutam “[...] permanentemente para que nenhuma proibição ou controle possa atingir suas produções” (POSSENTI, 2010, p. 174-175);
- “O humor, como a literatura, é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas ‘crônicas’ e narrativas, [...]”. Além disso, “[...] pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de textos (dos tratados aos ensaios, da *Bíblia* ao romance)” (POSSENTI, 2010, p. 175);
- “O humor também não se pretende ‘pragmático’, embora, eventualmente, existam defesas do papel cultural e até mesmo político das produções do campo” (POSSENTI, 2010, p. 175-176, grifo do autor). O que poderia evidenciar diferentes posicionamentos ideológicos;
- Como acontece na literatura, haveria diferentes classificações para as produções humorísticas como, por exemplo: a) humor popular *vs.* humor erudito; b) humor de salão *vs.* humor da rua; c) humor predominante oral *vs.* humor especializado, baseado, sobretudo, na escrita.

De um modo geral, podemos dizer que tais práticas, específicas desses dois campos, contribuem para diferenciar o campo da literatura e o campo do humor de outros campos como, por exemplo, da política, da filosofia, da publicidade etc. E, embora Possenti (2010) assegure que sua proposta é um

programa de estudos, ela identifica várias características do campo do humor que vão ao encontro da nossa proposta de colocar o DH em uma tipologia que associa discursos a vastos ‘setores de atividade social’: político, publicitário, religioso, filosófico *et coetera*.

A escolha dessa forma de tipologia se justifica pelo fato de que o DH dificilmente se enquadraria em tipologias baseadas, de acordo com Maingueneau (2004), em: i) ‘funções da linguagem’ (referencial, fática, emotiva etc.) ou ‘funções sociais’ (lúdica, religiosa, informativa, entre outras), porque essas podem interagir, em maior ou menor grau, e, por vezes, simultaneamente, no interior dos gêneros do humor; ii) ‘marcas ou sequências linguísticas’ (narrativa, descritiva, argumentativa), já que essas podem se fazer presentes em qualquer gênero; iii) ‘características situacionais’, pois diferentes formas genéricas do DH podem aparecer em ‘quase’ todas as situações; e iv) ‘tipologias genéricas’, uma vez que o DH, aparentemente, pode se transmutar em ‘quase’ todos os tipos genéricos.

Um discurso do humor. Uma linguagem do riso

Em alguns momentos, utilizamos a expressão ‘discurso humorístico’ para designar o nosso objeto de estudo. Todavia, nada nos diz de antemão que tal expressão é a mais adequada para denominar um discurso passível de causar o riso. Isso se deve ao fato de que nosso objeto está inserido em uma querela que parece, a princípio, não afetar os outros tipos de discurso como, por exemplo, o discurso político – aparentemente, ninguém se questiona nem sobre a existência, nem sobre a capacidade do discurso político de engendrar gêneros e textos tipicamente ligados ao setor de atividade social da política. Já em relação a um discurso ligado ao riso, ao risível, as coisas começam a se complicar, devido principalmente à quantidade e à instabilidade semântica dos termos para designar as atitudes verbais e não verbais ligadas ao riso e à comicidade.

Segundo Charaudeau (2006, p. 20), podemos dizer que muitos dos termos relacionados ao riso, ao cômico, ao humor etc. se encontram numa espécie de circularidade de definições, ou seja, um termo muitas vezes é definido com traços semânticos de outro num “[...] reenvio sinonímico em caracol” (CHARAUDEAU, 2006, p. 20). Para observarmos melhor essa circularidade, tomemos, no *Dicionário Houaiss* (HOUAISS, 2009), os termos ‘gracejo’, ‘chiste’ e ‘pilhéria’. O primeiro foi definido como: ‘dito engraçado, espirituoso, ou que pretende sê-lo’; para o segundo, encontramos: ‘dito espirituoso, geralmente de humor fino e adequado gracejo’; e

para o terceiro: ‘chiste, piada, graça’. Se continuarmos testando os laços semânticos entre os demais termos, construiremos uma lista quase infundável de correlações sinonímicas.

Outra questão relacionada aos termos ligados ao riso diz respeito à correlação entre termos pertencentes a diferentes épocas e línguas. Nessa perspectiva, Possebbon (2003), por exemplo, nos explica que a definição dos termos correlatos ao riso se nos apresentam problemáticos, pois

Não é fácil, hoje, definir com precisão termos como ‘riso’, ‘humor’, ‘piada’, ‘chiste’, ‘palhaçada’ [...]. Há campos semânticos que muitas vezes se interpõem e há nuances e sutilezas que permitem ao especialista encher muitas páginas. Pensamos que essa problemática não era estranha à antiguidade, tanto que a riqueza de vocábulos de hoje tem seu equivalente de outrora (POSSEBON, 2003, p. 49, grifos de autor).

Essa inferência pode ser exemplificada, tomando-se a palavra inglesa *humour*. Segundo Bremmer e Roodenburg (2000, p. 13), *humour* aparece no *Concise Oxford Dictionary* com as seguintes acepções: “[...] facécia, comicidade [...] menos intelectual e mais agradável que o chiste” (datada aproximadamente em meados do século XVII); já a palavra francesa *humeur*, que, em sua origem latina, tinha por significado “[...] fluidos corporais: sangue, fleuma, bílis e bílis negra”, só começa a assumir a acepção de *plaisanterie naturelle* (‘brincadeira ou facécia natural’) nas últimas décadas do século XIX, provavelmente a partir de 1870, por influência da palavra na sua acepção inglesa (BREMNER; ROODENBURG, 2000, p. 14). Nessa mesma linha de raciocínio, os mesmos autores destacam os termos *witz* (al. ‘chiste’) e *mop* (hol. ‘chiste; gracejo’) que, embora sejam mais recentes, “[...] descrevem um fenômeno que há muito os antecede, isto é, a piada curta que atinge abruptamente o clímax” (BREMNER; ROODENBURG, 2000, p. 14). Diante desse fato, Bremmer e Roodenburg observam que seria de grande valia um estudo que buscasse vislumbrar (diacrônica ou sincronicamente) os termos ligados ao humor, o que acarretaria, ainda de acordo com os autores, abordá-los em relação aos estilos nacionais (humor francês, humor inglês, humor alemão etc.).

Como podemos ver, as relações entre os termos ligados ao universo do riso, tanto em língua vernácula quanto em língua estrangeira, mostram, por um lado, que os limites entre eles e suas definições são muito tênues, movediças, aparentemente marcadas por uma univocidade; por outro lado, esses termos nem sempre mantêm entre si uma biunivocidade, ou seja, muitas vezes, não há

termos que se correspondam minimamente entre sistemas diferentes, dificultando a compreensão do que faz rir entre diferentes sociedades, épocas e culturas:

[...] é comum um Espanhol, desejando exprimir a ideia de *humour*, se servir da expressão *buen humor* (*bonne humeur*), o que é um contrassenso, mas um contrassenso muito insidioso para ser percebido ao nível da linguagem corrente. Com efeito, o *humour* e o *buen humor* têm, todos dois, alguma coisa a ver com o riso – infelizmente não em tudo a mesma coisa (ESCARPIT, 1972, p. 9-10, tradução nossa)¹⁰.

Ou seja, não somente o grau de comicidade é variável, mas também o que uma dada sociedade ‘x’ considera como ‘cômico’ ou ‘humor’ pode ser somente ‘ridículo’ ou mais ou menos ‘engraçado’ para uma sociedade ‘y’. Isso, a princípio, não nos ajudaria em nada a construir um consenso sobre o discurso passível de causar o riso. No entanto, acreditamos que são exatamente essas regiões limítrofes, movediças que nos levam a crer na existência de um ‘traço de homogeneidade’ – não na língua, mas sim na linguagem e no discurso – que dá suporte a essa circularidade sinonímica e semântica e a uma ‘relativa’ correspondência entre termos pertencentes a sistemas linguísticos diferentes. Devido a isso, parece necessário, para fins da análise, estabelecer um termo que:

- a) Permita manter a especificidade e a fluidez semântica dos diversos termos ligados ao riso;
- b) Estabeleça um traço de homogeneidade semântica na variedade dos termos subsumidos;
- c) Institua um elo entre o riso e a linguagem.

Procurando seguir essas diretrizes, a expressão ‘linguagem do riso’, cunhada por Bakhtin (2010a), nos saltou aos olhos. Sem adentrarmos muitos detalhes (VALE, 2012), diremos somente que essa expressão, dentro da obra de Bakhtin, se mostrou estritamente ligada ao conceito de riso tanto em suas manifestações predominantemente verbais (das ‘formas do riso’ como o cômico e a da paródia às ‘formas reduzidas do riso’ como a ironia, o humor, a bufa etc.) quanto nas manifestações não exclusivamente verbais (as festas populares, os rituais carnavalescos, as obras teatrais cômicas etc.). Além disso, tal expressão apresenta, de acordo com Bakhtin, a capacidade de promover o desenvolvimento de discursos ligados a uma

¹⁰ No original: “[...] il est fréquent qu’un Espagnol, voulant exprimer l’idée d’*humour*, se serve de l’expression ‘*buen humor*’ (*bonne humeur*), ce qui est un contresens, mais un contresens trop insidieux pour être perçu au niveau du langage courant. En effet, le ‘*humour*’ et le ‘*buen humor*’ ont, tous deux, quelque chose à voir avec le rire – malheureusement pas du tout la même chose”.

cosmovisão ‘carnavalizada’ do mundo através do riso.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, podemos agora voltar à discussão da denominação do nosso objeto de estudo: ao invés de ‘discurso humorístico’, por que não utilizar ‘discurso cômico’, ‘discurso risível’ ou ‘discurso do riso’? Como havíamos adiantado, optamos, a princípio, por apresentar esse discurso, tendo como base uma tipologia que associa os discursos a vastos setores de atividade social, uma vez que, se seu *status* de tipo de discurso era negado, como identificar marcas linguísticas e discursivas que pudessem caracterizá-lo como tipo ou gênero de discurso? Por outro lado, também sabemos que somente uma tipologia baseada em funções sociais não é suficiente, per si, para dar conta das especificidades dos discursos, pois, por vezes, tal tipologia pode negligenciar os funcionamentos linguísticos dos textos (MAINGUENEAU, 2004, p. 63). Acreditamos que, para uma análise do discurso que procura manter o diálogo entre os fatores externos e internos à linguagem,

[...] o ideal seria poder apoiar-se [...] sobre tipologias propriamente ‘discursivas’, ou seja, tipologias que não separassem por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e, por outro, as caracterizações enunciativas (MAINGUENEAU, 2004, p. 63, grifos do autor).

Com base nesse argumento, podemos dizer que a denominação ‘discurso humorístico’ parece satisfazer as exigências de uma tipologia discursiva, pois:

- Aparentemente não há um setor de atividade social – ou mesmo um campo – específico do cômico, do risível ou mesmo do riso; em contrapartida, podemos dizer, apoiados nas observações de Possenti (2010, p. 171 *et seq.*), que há um ‘campo do humor’ que subsume produções (teatrais, cinematográficas, musicais, televisivas), eventos (simpósios, congressos, feiras), publicações (revistas, jornais, livros) e profissionais (humoristas, comediantes, comediógrafos, caricaturistas, cartunistas, chargistas, palhaços) – todos ligados, de algum modo, não somente ao humor, mas também ao riso, ao risível, ao cômico, ao lúdico etc.;
- Uma denominação como ‘discurso do riso’ corre o risco de focalizar somente o caráter visual ou fisiológico do riso (os diferentes tipos de risos e sorrisos), procurando responder questões como: o que significa responder com um riso ou com um sorriso? O que significa o riso ou o sorriso do sujeito ‘x’ na situação ‘y’? O que significa aquele sorriso amarelo no seu rosto?;

- O termo ‘humorístico’ está, aparentemente, mais relacionado a atividades linguageiras do que os outros termos. Isso pode ser evidenciado nas especificações atribuídas à ‘comicidade’ e ao ‘cômico’ como: “cômico da linguagem [...]” (ECO, 1984, p. 352); “[...] comicidade verbal” (BAKHTIN, 2010a, p. 4); “obras cômicas verbais [...]” (BAKHTIN, 2010a, p. 53); “[...] comicidade das palavras” (BERGSON, 2007, p. 76), para citar algumas. Além disso, ‘humorismo’, termo correlato de ‘humor’ e de ‘humorístico’, teria a vantagem, de acordo com Eco (1984), em relação a ‘cômico’ (termo muito geral, como ‘jogo’) por se mostrar, a um só tempo, metalinguístico, metatextual e metasemiótico, pois, por um lado, promove um distanciamento em relação às questões que discute, fazendo da voz que reflete sobre as situações sociais “[...] uma ‘instância’, mesmo oculta, da ‘enunciação’” (ECO, 1984, p. 351, grifos do autor). Por outro lado, porque representa potencialmente uma ‘crítica consciente e explícita’ da regra social que pressupõe;

Em relação ao riso, Veissid (1978) propõe que o ‘humor’, de um modo geral, é um ‘método artificial de produção do riso’: enquanto a comédia coloca o sujeito em condições ‘diretas’ de rir, vislumbrando o espetáculo por intermédio dos atores (e, claro, das personagens) no palco, o humor, por sua vez, seria uma descrição ou uma sugestão dessas situações cômicas (reais ou ficcionais) mediadas pela linguagem.

É evidente que não esgotamos todos os argumentos a favor da denominação ‘discurso humorístico’. No entanto, acreditamos que o exposto seja suficiente para mostrar que essa denominação, relacionada ao termo ‘humor’ e a seus correlatos ‘humorismo’ e ‘humorístico’, parece assumir a própria capacidade do ‘humor’ de

[...] cobrir com sua autoridade e seu prestígio as formas do riso: das mais refinadas e mais grosseiras às mais exóticas e familiares, ao mesmo tempo em que ele as colore com um sutil brilho de filosofia que é sua iluminação própria (ESCARPIT, 1972, p. 62, tradução nossa)¹¹.

Considerações finais

Com base nas ideias expostas, cremos que conseguimos situar nosso leitor/auditório em relação ao

¹¹ No original: “L’humour va couvrir de son autorité et de son prestige les formes du rire les plus raffinées et les plus grossières, les plus exotiques et les plus familières, mais du même coup il les colore d’une subtile lueur de philosophie qui est son éclairage propre.”

lugar de onde acreditamos ser ideal para se iniciar um percurso de estudos do DH. Não intentamos, de modo algum, fazer ontologia sobre o objeto selecionado; mas, antes, apresentar algumas problemáticas básicas para aqueles que pretendem se dedicar a analisar esse discurso passível de proporcionar o riso, buscando, desse modo, descrever, classificar, comparar os possíveis interpretativos e os efeitos de sentido (CHARAUDEAU, 2008) e, além disso, “[...] construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégia de um sujeito [...]” (PECHEUX, 1984 apud MAINGUENEAU, 1997, p. 11) que tem por finalidade, por exemplo, fazer o outro rir.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010c.
- BEACCO, J.-C. Corpus. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 137-140.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre significação da comicidade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BREMMER, J.; ROODENBURG, H. Humor e história. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 13-25.
- CHABROL, C. Humour et médias. **Questions de communication**: humour et média. Définitions, genres et cultures. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10, p. 7-17, 2006.
- CHARAUDEAU, P. Des catégories pour l'humour. **Questions de Communication**: humour et média. Définitions, genres et cultures. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10, p. 27-43, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: os modos de organização do discurso. São Paulo: Contexto, 2008.
- ECO, U. O cômico e a regra. In: **Viagem na irre realidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 343-353.
- ECO, U. Pirandello ridens. In: **Sobre espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ESCARPIT, R. **L'humour**. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.
- FREUD, S. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GREIMAS, A. J.; COURTÊS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes; Unicamp, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENEAU, D. Competência discursiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 101-102.
- MAINGUENEAU, D. **Gêneses do discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MENNUCCI, S. **Humor**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1923.
- OLBRECHTS-TYTECA, L. **Le comique du discours**. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1974.
- PIRANDELLO, L. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.
- POSSEBON, F. **Batracomiomaquia**: a batalha dos ratos e das rãs: Homero. São Paulo: Humanitas, 2003.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- PROPP, V. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.
- VALE, R. P. G. **Lingua pileata**: Bakhtin, linguagem do riso e análise do discurso. **Inventário**, v. 1, p. 1-17, 2012.
- VALE, R. P. G. **O discurso humorístico**: um percurso de análise pela linguagem do riso. 2013. 279f. Tese (Doutorado em Estudo Linguístico)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- VEISSID, J. **Le comique, le rire et l'humour**. Paris: Lettres du Monde, 1978.

Received on February 12, 2015.

Accepted on July 3, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.